

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTES CÊNICAS

RAFAEL RODRIGUES DE OLIVEIRA

PRESENÇA AUSENTE: REIMAGINANDO O ESPAÇO EXPOGRÁFICO A PARTIR
DE PRINCÍPIOS DAS ARTES CÊNICAS E DA MEDIAÇÃO CULTURAL

Trabalho de conclusão de curso de
graduação em Artes Cênicas com
habilitação em Licenciatura,
apresentado ao Departamento de
Artes Cênicas da Universidade de
São Paulo.

SÃO PAULO

2024

RAFAEL RODRIGUES DE OLIVEIRA

**PRESENÇA AUSENTE: REIMAGINANDO O ESPAÇO EXPOGRÁFICO A PARTIR
DE PRINCÍPIOS DAS ARTES CÊNICAS E DA MEDIAÇÃO CULTURAL**

Trabalho de conclusão de curso de graduação em Artes Cênicas com habilitação em Licenciatura, apresentado ao Departamento de Artes Cênicas da Universidade de São Paulo.

Orientação: Profa. Dra. Maria Lúcia de Souza Barros Pupo

SÃO PAULO

2024

RAFAEL RODRIGUES DE OLIVEIRA

**PRESENÇA AUSENTE: REIMAGINANDO O ESPAÇO EXPOGRÁFICO A PARTIR
DE PRINCÍPIOS DAS ARTES CÊNICAS E DA MEDIAÇÃO CULTURAL**

Trabalho de conclusão de curso de
graduação em Artes Cênicas com
habilitação em Licenciatura,
apresentado ao Departamento de
Artes Cênicas da Universidade de
São Paulo.

Banca Examinadora

Profa. Dra. Maria Lúcia de Souza Barros Pupo

Universidade de São Paulo

Profa. Dra. Verônica Gonçalves Veloso

Universidade de São Paulo

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais, Maria Lúcia Rodrigues e Luiz de Oliveira, e aos meus irmãos, Daniel Rodrigues e Rafaela Rodrigues, que sempre estarão ao meu lado.

Agradeço às professoras Maria Lúcia Pupo, Sayonara Pereira e Verônica Veloso que, sem dúvida, tornaram este percurso mais prazeroso.

Agradeço à Gustavo Formenti pelo amor, carinho e incentivo. Por acreditar em mim e proporcionar momentos de leveza nesse percurso.

Agradeço ao meu sobrinho, Enzo Daniel Rodrigues, que, sem dúvida, tornou a minha vida mais feliz.

Agradeço à Edson Bismark pelos momentos de paciência e apoio. Agradeço pelas risadas diárias.

Agradeço à Mirella Duarte que foi uma parceira nesse percurso.

Agradeço às professoras, professores e funcionários do ensino básico que sustentam a educação pública.

Agradeço à minha madrinha, Maria Aparecida Rodrigues, pelo amor direcionado.

Agradeço às pessoas que amo e que tornam a vida mais leve e prazerosa.

Agradeço à minha família que sempre foi uma grande incentivadora e apoiadora em meus estudos.

Agradeço à Universidade de São Paulo.

Agradeço à minha turma.

Essa ação é desencadeada por uma crítica intrínseca, um gesto audacioso do artista, que conscientemente emprega os próprios recursos do meio que ele opera visando a desconstrução da onipotência do suporte e, por tabela, a do próprio artista. Trata-se de uma manobra poética, que não visa a “morte” do suporte, tampouco a do artista, mas sim possibilitar a extração dos limites impostos por sua estrutura epistemológica.

Martin Grossmann

RESUMO

Este trabalho aborda a proposta de mediação cultural em espaços expositivos a partir de princípios das artes cênicas, destacando a interação entre o público, o espaço e as obras de arte, e o papel do mediador cultural. A mediação, ao integrar elementos das artes cênicas, busca romper com a presença ausente esperada do público em museus e galerias, convidando os participantes a se envolverem ativamente. Além disso, a questão arquitetônica é abordada ao refletir sobre como o espaço expositivo, tradicionalmente formal e silencioso, pode ser transformado. Essa reconfiguração do ambiente busca facilitar uma experiência mais dinâmica e sensorial, permitindo que o público explore o espaço de maneira mais envolvente e participativa. O trabalho também examina a relação entre o corpo do mediador, do visitante e o espaço, mostrando como a arquitetura do ambiente expositivo pode ser percebida positiva ou negativamente para a mediação cultural.

PALAVRAS-CHAVE: Mediação Cultural, Artes Cênicas, Mediador, Educação, Espaço, Expografia, Público.

ABSTRACT

The present work discusses the proposal of cultural mediation in exhibition spaces based on principles of the performing arts, highlighting the interaction between the audience, the space, and the artworks, as well as the transformation of the role of the cultural mediator. Mediation, by integrating elements of the performing arts, seeks to break away from the expected passive presence of the audience in museums and galleries, inviting participants to engage actively. Additionally, the architectural aspect is addressed by reflecting on how the traditionally formal and silent exhibition space can be transformed. This reconfiguration of the environment aims to facilitate a more dynamic and sensory experience, allowing the audience to explore the space in a more engaging and participatory manner. The paper also examines the relationship between the body of the mediator, the visitor, and the space, showing how the architecture of the exhibition environment can be perceived positively or negatively for cultural mediation.

KEYWORDS: MCultural Mediation, Performing Arts, Mediator, Education, Space, Exhibition Design, Audience.

LISTA DE FIGURAS

| | |
|--|----|
| FIGURA 1 - Registro da proposta de mediação..... | 20 |
| FIGURA 2 - Registro da proposta de mediação..... | 23 |
| FIGURA 3 - Registro da proposta de mediação..... | 24 |
| FIGURA 4 - Registro da proposta de mediação..... | 25 |
| FIGURA 5 - Registro da proposta de mediação..... | 26 |
| FIGURA 6 - Registro do resultado da prática proposta..... | 29 |
| FIGURA 7 - Registro do resultado da prática proposta..... | 30 |
| FIGURA 8 - Registro do resultado da prática proposta..... | 31 |
| FIGURA 9 - Registro do resultado da prática proposta..... | 32 |
| FIGURA 10 - Registro do resultado da prática proposta..... | 35 |
| FIGURA 11 - Registro do resultado da prática proposta..... | 36 |
| FIGURA 12 - Registro do resultado da prática proposta..... | 37 |
| FIGURA 13 - Registro do resultado da prática proposta..... | 38 |
| FIGURA 14 - Registro do resultado da prática proposta..... | 39 |
| FIGURA 15 - Registro do resultado da prática proposta..... | 40 |
| FIGURA 16 - Registro do resultado da prática proposta..... | 41 |
| FIGURA 17 - Registro do resultado da prática proposta..... | 42 |

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| 1 INTRODUÇÃO..... | 10 |
| 2 A MEDIAÇÃO CULTURAL COMO PRÁTICA CURATORIAL E NARRATIVA..... | 13 |
| 2.1 ENTRE PONTES E ENCONTROS: REFLEXÕES SOBRE MEDIAÇÃO CULTURAL OU ARTÍSTICA..... | 14 |
| 2.2 A FUNÇÃO ARQUITETÔNICA E O IMPACTO NA DINÂMICA E FUNCIONAMENTO DO ESPAÇO EXPOSITIVO..... | 15 |
| 2.3 CONEXÕES ENTRE O ESPAÇO E EXPERIÊNCIAS DE MEDIAÇÃO..... | 16 |
| 3 A PROPOSTA E A IMPORTÂNCIA DO MEDIADOR..... | 19 |
| 3.1 DO OBSERVADOR AO PARTICIPANTE: MEDIAÇÃO CULTURAL COMO ESPAÇO DE CRIAÇÃO..... | 21 |
| 4 A EXPERIÊNCIA..... | 27 |
| 4.1 RESISTÊNCIA E FLEXIBILIDADE: EXPLORANDO MEDIAÇÃO CULTURAL COM ARQUITETOS, DESIGNERS E ENGENHEIROS..... | 28 |
| 4.2 ENTRE RASTROS E LIMITES NO ESPAÇO MUSEOLÓGICO..... | 33 |
| 4.3 VAZIO: A IMPORTÂNCIA DA AUSÊNCIA PARA A MEDIAÇÃO CULTURAL... | |
| 43 | |
| 5 CONCLUSÃO..... | 44 |
| REFERÊNCIAS..... | 48 |

1 INTRODUÇÃO

A mediação cultural surge como um fio condutor em espaços expositivos artísticos e torna-se cada vez mais importante para a construção da experiência junto ao público. É nesse espaço de encontros e desencontros que proponho uma jornada além do convencional, onde os princípios das artes cênicas e a mediação cultural se entrelaçarão para buscar reimaginar o modo como habitamos exposições.

Parto do desconforto comum diante da presença ausente, onde o espectador deve se limitar a observar as obras de maneira silenciosa e isolada, que é esperada nos museus, se tornando, muitas vezes, um observador solitário em um mar de obras desconhecidas. Esse modelo, consolidado pelo conceito do "cubo branco", privilegia uma experiência individualizada e estética, mas pode, por outro lado, desestimular a participação ativa e o engajamento do visitante.

Foi esse incômodo que tomei como ponto de partida para propor a exploração de novas formas de fruição, que buscam romper com a rigidez do cubo branco, concebido para separar a arte do mundo e o espectador da obra.

Trago, então, um relato que busca aproximar você que está lendo da minha experiência atuando em espaços expositivos como o Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, o Sesc Pompeia e atualmente o Itaú Cultural, local onde foi desenvolvido este projeto com os grupos recebidos pela instituição. O que vou lhes contar aconteceu em 2022 na exposição *“Flávio de Carvalho Experimental”*.

Francisco, um menino de dez anos com cabelos escuros e uma camiseta vermelha, cujo tédio inicial se desfez em curiosidade quando o convidei a explorar obras que eu achava interessantes. Decidi ir até ele e perguntar o por quê da cara emburrada:

- Que que foi essa cara? Você não gosta muito de exposição?

E logo tive resposta:

- Não.

E sua explicação era bem simples:

- Exposições em geral são bem chatas.

Parecia que nos escutávamos melhor enquanto descobríamos quais possibilidades poderíamos ter. Do caminho que seguimos, Francisco passou a compartilhar o que de legal ele via no que antes eu apresentava como o que eu achava legal, em certo ponto eu sou como ele, exposições costumam parecer chatas. Francisco antes desprendido da mãe pelo tédio da exposição, agora desprendido pelo interesse em encontrar coisas legais. Encontrou.

Buscou sua mãe e lhe contou coisas que vimos e falamos, perguntei se agora ele achava que exposições podem ser um pouquinho menos chatas e mais legais, prontamente ele respondeu:

- Um pouquinho.

Juntos, nos tornamos cúmplices nessa busca por conexões e significados escondidos. Do tédio inicial à descoberta encantada, Francisco encontrou um novo caminho de encantamento.

O relato propõe apresentar a minha relação com espaços de mediação e, também, trazer à tona a experiência dessa neutralidade que muitas vezes resulta em um ambiente frio e distanciado, que não convida o visitante a interagir com a obra de maneira ativa.

Assim, surge a necessidade de repensar a forma como as obras são apresentadas e experimentadas. A mediação aqui proposta, ao incorporar elementos das artes cênicas, propõe uma espécie de ruptura com esse paradigma, convidando o público a se envolver ativamente com o espaço e as obras. Ao introduzir dinâmicas de movimento, presença corporal e narrativas, essa abordagem traz como intencionalidade a transformação da experiência expositiva em algo mais fluido e participativo, buscando explicitar e propor caminhos ao visitante que fortaleçam o lugar do ser criador de significados, a partir de intervenções que reimaginem o espaço expositivo como um espaço de vivência e experimentação.

Este trabalho buscou explorar a mediação cultural como uma estratégia de subversão das convenções tradicionais de visitação, desafiando as fronteiras entre obra, espaço e público. A partir de intervenções realizadas na exposição Guto Lacaz: cheque-mate, no Itaú Cultural, o trabalho discute como essa metodologia pode ressignificar a relação dos visitantes com as obras e o espaço. Ao examinar o impacto dessas intervenções em diferentes grupos, desde arquitetos até crianças, o estudo traz as potencialidades e os desafios de adotar práticas de mediação em contextos expositivos que contestem a ideia do visitante que deve ter uma presença ausente, apontando para novos caminhos na mediação cultural e na fruição artística.

Diante do exposto, o problema central deste estudo pode ser formulado da seguinte forma: De que forma repensar o espaço expositivo, com base em princípios das artes cênicas e da mediação cultural, pode transformar a relação entre o público, o mediador ou educador e o próprio espaço, promovendo uma experiência mais ativa e significativa?

2 A MEDIAÇÃO CULTURAL COMO PRÁTICA CURATORIAL E NARRATIVA

A mediação cultural se torna uma prática curatorial que não só apresenta a arte, mas busca construir narrativas que incentivam a exploração e a reflexão crítica. O desafio reside em desenvolver estratégias que estimulem a curiosidade, promovendo um espaço onde a arte possa ser vista como um veículo de diálogo e descoberta.

Segundo Hoff (2013), a mediação cultural é um processo que envolve não apenas a tradução de informações sobre as obras, mas também a criação de narrativas, escolhas curatoriais e uma postura política crítica. A autora argumenta que a mediação é frequentemente subjugada dentro das instituições culturais, sendo vista como uma prática simplista, destinada a simplificar e "traduzir" a obra para o público. No entanto, a mediação pode ser muito mais do que isso: ela pode oferecer novas camadas de significado, permitindo ao visitante se envolver com a obra de maneira mais profunda e pessoal.

De acordo com Falk e Dierking (2011), a experiência museológica envolve três contextos principais: o pessoal, o social e o físico. Esses autores ressaltam que a interação do visitante com a obra não ocorre de forma isolada, mas é influenciada por uma série de fatores, incluindo o ambiente em que a obra é apresentada e as interações sociais que ocorrem nesse espaço.

A mediação cultural, nesse sentido, desempenha um papel essencial ao facilitar essas interações e ao oferecer ao visitante um caminho para compreender e se relacionar com a obra de maneira mais completa.

Durante as intervenções realizadas no Itaú Cultural, foi possível observar como a introdução de elementos mediadores alterou significativamente a experiência dos visitantes. A partir de dinâmicas que envolviam a participação ativa dos grupos de visitantes, criou-se um ambiente mais propício à interação e à criação de novos significados em torno das obras.

As rotas temáticas desenvolvidas durante as intervenções, por exemplo, incentivaram os visitantes a percorrer o espaço expositivo de maneira diferente, guiados por narrativas que propunham ampliar sua compreensão das obras. Além disso, as dinâmicas de movimento e presença corporal criaram um espaço mais

fluido e menos rígido, onde as obras de arte eram vistas como parte de um processo de descoberta.

2.1 ENTRE PONTES E ENCONTROS: REFLEXÕES SOBRE MEDIAÇÃO CULTURAL OU ARTÍSTICA

A noção de mediação cultural e mediação artística é fundamental para pensar as práticas de interação entre público, arte e cultura. Apesar de compartilharem semelhanças, essas duas abordagens possuem distinções importantes que, muitas vezes, tornam difícil compreendê-las de maneira definitiva. Minha prática, por exemplo, frequentemente se encontra em um limítrofe, onde as fronteiras entre mediação cultural e artística se confundem.

A mediação cultural é geralmente associada a práticas que buscam construir pontes entre o público e o vasto universo das manifestações culturais. Ela envolve a contextualização histórica, social e política das obras, o diálogo sobre questões contemporâneas e o estímulo à reflexão crítica. É uma abordagem que visa democratizar o acesso à cultura. Assim, a mediação cultural me parece que estaria para que o público se aproprie do significado cultural e do valor simbólico das obras e das instituições.

Já a mediação artística, embora também atue no sentido de aproximar o público, concentra-se na experiência estética e subjetiva. Seu foco está no encontro direto com a obra de arte, valorizando interpretações diversas e a singularidade de cada indivíduo. Mais do que explicar ou contextualizar, a mediação artística propõe encontros sensíveis e únicos, que revelam a dimensão subjetiva e afetiva da arte.

Apesar de haver distinções, as fronteiras entre mediação cultural e artística me parecem bastante próximas, como a sensação de alguém que nasce no limítrofe entre duas cidades. Muitas vezes, elas se sobrepõem ou se complementam, especialmente em práticas que buscam responder à complexidade das instituições culturais e à diversidade do público. No meu trabalho, essa indefinição que me aparece soa, para mim, como um ponto de tensão e, ao mesmo tempo, como uma potência criativa.

Essa dificuldade em definir se minha prática é cultural ou artística reflete, talvez, a própria natureza da mediação. No fundo, ambas as abordagens compartilham o objetivo de abrir espaços para que as pessoas se conectem com a arte e a cultura de maneira significativa e singular. Assim, talvez a questão não seja tanto delimitar em qual categoria minha proposta se enquadra, mas reconhecer que o essencial está no gesto de criar diálogos, experiências e encontros transformadores. A mediação, em suas diversas formas, é sempre um convite à descoberta — tanto do outro quanto de si mesmo.

2.2 A FUNÇÃO ARQUITETÔNICA E O IMPACTO NA DINÂMICA E FUNCIONAMENTO DO ESPAÇO EXPOSITIVO

A arquitetura de um espaço expositivo desempenha um papel fundamental na maneira como as práticas e as ações de mediação são desenvolvidas pelos mediadores ou educadores e em como são vivenciadas pelo público. Longe de ser um elemento neutro, o desenho arquitetônico influencia diretamente a dinâmica das interações, determinando não apenas o fluxo de circulação, mas também os pontos de observação, os momentos de encontro e as áreas de descanso ou contemplação. Em outras palavras, o espaço físico molda a experiência do visitante e dos mediadores e educadores, potencializando ou restringindo as possibilidades de engajamento que as propostas performáticas e mediadoras oferecem.

A galeria é construída de acordo com preceitos tão rigorosos quanto os da construção de uma igreja medieval. O mundo exterior não deve entrar, de modo que as janelas geralmente são lacradas. As paredes são pintadas de branco. O teto torna-se a fonte de luz. O chão de madeira é polido, para que você provoque estalidos austeros ao andar, ou acarpetado, para que você ande sem ruído. A arte é livre, como se dizia “para assumir vida própria”. Uma mesa discreta talvez seja a única mobília. Nesse ambiente, um cinzeiro de pé torna-se quase um objeto sagrado, da mesma maneira que uma mangueira de incêndio num museu moderno não se parece com uma mangueira de incêndio, mas com uma charada artística.(O’Doherty, 2002, p.4)

Assim, a função do mediador ou educador não está apenas para a mediação em torno da relação que busca se estabelecer com o público, mas também em sempre lidar com os aspectos arquitetônicos e curoriais de exposições. Além da

necessidade de tornar o público essa presença ausente, em que o mundo exterior fica para fora e, por consequência, a ideia ilusória de que o repertório, tanto do público quanto do mediador, não trará influência sobre como cada um deles percebe o espaço, se relacionam e se sentem confortáveis ou não.

Espaços com arquitetura aberta, por exemplo, geralmente promovem uma circulação fluida que facilita a interação entre os visitantes e as ações mediadoras, permitindo um trânsito livre e a criação de ambientes coletivos. Ao contrário, áreas compartimentadas, com divisórias e separações rígidas, podem fragmentar a experiência, canalizando a atenção do espectador para pontos específicos e reduzindo a percepção do espaço como um todo. Dessa forma, o projeto arquitetônico atua como um agente silencioso, mas poderoso, no direcionamento das experiências imersivas, favorecendo ou limitando a interação entre o público, o mediador e a obra.

O design arquitetônico também impacta a maneira como o tempo e o movimento se desenrolam em uma exposição. Assim, a arquitetura do espaço influencia a escolha do formato de mediação mais adequado para cada situação, determinando o grau de intimidade e envolvimento da experiência.

Além disso, as condições acústicas, de iluminação e ventilação desempenham um papel decisivo na definição do caráter do espaço expositivo. A luz, por exemplo, pode ser manipulada para criar atmosferas dramáticas ou contemplativas, reforçando o conteúdo da obra e direcionando o olhar do visitante. Da mesma forma, as características acústicas — como reverberação e controle de ruídos externos — contribuem para a construção de um ambiente que facilita ou dificulta a imersão na experiência. O espaço expositivo, portanto, é um campo de atuação e de experimentação que, quando alinhado ao caráter mediador da exposição, pode transformar a relação do mediador ou educador e do público com a obra, criando uma experiência única e marcante. Pois a mediação e “o Visitante - algo que você literalmente desconsidera - e o Olho validam a experiência” (O’Doherty, 2002, p. 63)

2.3 CONEXÕES ENTRE O ESPAÇO E EXPERIÊNCIAS DE MEDIAÇÃO

A interação entre espaço e a mediação se faz ainda mais evidente quando analisamos experiências específicas, como as que serão apresentadas neste

trabalho. Cada experiência mediadora tem suas particularidades e requer um ajuste não só na abordagem da mediação, mas também na forma como o espaço é utilizado e percebido. Ao relacionarmos esses elementos, percebemos que o espaço expositivo deixa de ser apenas o cenário da ação e passa a se tornar um agente ativo, que intervém e é intervindo, propondo redefinições dos parâmetros de envolvimento do público. Assim, ouso questionar, como seria se os espaços expositivos fossem desde o início, em seus aspectos curoriais e arquitetônicos, planejados levando em conta a experiência da mediação e do público.

Um exemplo relevante é o uso de espaços alternativos e não convencionais para mediações, que transcendem ou buscam reimaginar o formato padrão de galerias e museus. Quando uma mediação é realizada em um hall de entrada, em escadarias, corredores, ou até mesmo em áreas ao ar livre, o público é desafiado a interagir de maneira mais espontânea e a experimentar novas formas de percepção do espaço. Nesses casos, o próprio conceito de obra se expande, e a mediação assume um papel mais flexível e adaptável, intensificando uma prática cotidiana que requer diálogo direto com as especificidades do ambiente e com as características da proposta.

Mas é preciso estar sempre atento para que os espaços não convencionais não se tornem regra para as propostas de mediação, afinal, a intenção é repensar projetos arquitetônicos para exposições, explorando tanto a criação desses projetos sob uma nova perspectiva quanto a maneira como o público interage com eles. O contrário, ou seja, estabelecer as escadarias, corredores, como o espaço do mediador é escantejar seu lugar de importância e precarizar as possibilidades que podem se estabelecer entre a mediação e o público.

Outro aspecto a considerar é a forma como o espaço pode transformar a função da mediação, que não é apenas explicativa mas, sim, uma ponte sensível entre a obra e o público. Em uma experiência de mediação que utiliza todo o espaço expositivo, a ação mediadora pode atuar como um percurso suave que orienta o público, mas sem limitar sua liberdade de interação. Essa mediação mais aberta valoriza a exploração e o contato direto do público com a obra, promovendo uma relação de proximidade e descoberta.

Mas não nos esqueçamos que a experiência em museus e galerias é envolta por muitas influências das nossas experiências passadas e de como a construção desses espaços evoluiu.

Para muitos de nós, o recinto da galeria ainda emana vibrações negativas quando caminhamos por ele. A estética é transformada numa espécie de elitismo social - o espaço da galeria é *exclusivo*. Isolado em lotes de espaço, o que está exposto tem a aparência de produto, jóia ou prataria valiosos e raros: a estética é transformada em comércio - o espaço da galeria é *caro*. O que ele contém, se não se tem iniciação, é quase incompreensível - a arte é *difícil*. Públíco exclusivo, objetos raros difíceis de entender - temos aí um esnobismo social, financeiro e intelectual que modela (e na pior das paródias) nosso sistema de produção limitada, nosso modo de determinar o valor, nossos costumes sociais como um todo. Nunca existiu um local feito para acomodar preconceitos e enaltecer a imagem da classe média alta, sistematizado com tanta eficiência. (O'Doherty, 2002, p.85)

Assim, em muitas das experiências citadas, o espaço expositivo é reorganizado para criar uma sensação de ruptura ou desconforto, que propõe impulsionar o público a questionar seu papel na exposição e a reimaginar sua postura diante da obra e do espaço. Com instruções que integram elementos de deslocamento espacial, que instigam o aguçamento dos sentidos e a criação de figuras e personagens imaginados, a intenção é a de provocar uma experiência sensorial e física que não se limita à percepção visual. Nesse contexto, a mediação também se expande, assumindo uma função de acompanhamento e provocação, instigando o visitante a refletir e a construir novas interpretações a partir de sua interação direta com o espaço e com a mediação.

Dessa forma, ao relacionarmos o espaço expositivo com as experiências de mediação, percebemos que cada elemento — o ambiente físico, a ação e a mediação — se entrelaçam e se potencializam. O espaço, ao ser reimaginado pela mediação e pelo público, se transforma em um território de trocas, onde o público não é apenas um espectador, mas um participante ativo e, em muitos casos, cocriador da obra. Em última instância, o conjunto desses elementos possibilita a criação de uma experiência coletiva e participativa, onde o espaço e a mediação se fundem para gerar novas formas de engajamento e interação artística.

3 A PROPOSTA E A IMPORTÂNCIA DO MEDIADOR

O mediador cultural busca ocupar uma posição central no cenário museológico contemporâneo, atuando como elo entre o público e as obras, entre o espaço e o visitante. Mais do que um mero transmissor de informações, o mediador é um facilitador que acolhe as dúvidas, interesses e percepções dos visitantes, estimulando uma vivência rica e pessoal.

A função principal de um mediador é criar condições para que o visitante possa estabelecer uma relação única e significativa com as obras e o espaço. Ele não oferece respostas definitivas, mas convida o público a refletir, incentivando cada pessoa a encontrar seus próprios sentidos e interpretações. Portanto, o mediador contribui para uma experiência ativa, onde o visitante é estimulado a participar de maneira mais profunda e engajada. Assim,

Habitar o presente sempre significa situar-se entre um espaço de experiências do passado e um horizonte de expectativas em relação ao futuro (Koselleck, 2006), cabendo aos educadores tanto a responsabilidade pela durabilidade de um legado de realizações simbólicas como sua ressignificação e renovação no presente. Educar implica, pois, transmitir às novas gerações experiências simbólicas que nos chegam dos vastos domínios do passado e que são apresentadas e ressignificadas, criando as bases para sua durabilidade e renovação no futuro. Assim procede um professor de filosofia que compartilha com seus alunos uma reflexão tecida há 2.500 anos; um professor de literatura que lê um poema de Drummond ou trabalha uma canção dos Racionais MC's, um alfabetizador que inicia crianças na prática milenar da escrita alfabetica. Por meio do ensino de uma disciplina, área do saber ou prática social específica, um professor atualiza e ressignifica não só seus conteúdos peculiares, mas, sobretudo, a natureza do vínculo afetivo e histórico que estabelece com essas áreas de saber, conhecimento e compreensão que caracterizam um certo legado histórico que a cultura escolar escolheu preservar da ruína do tempo por meio do ensino. (CARVALHO, José Sérgio Fonseca de. 2020, p. 6)

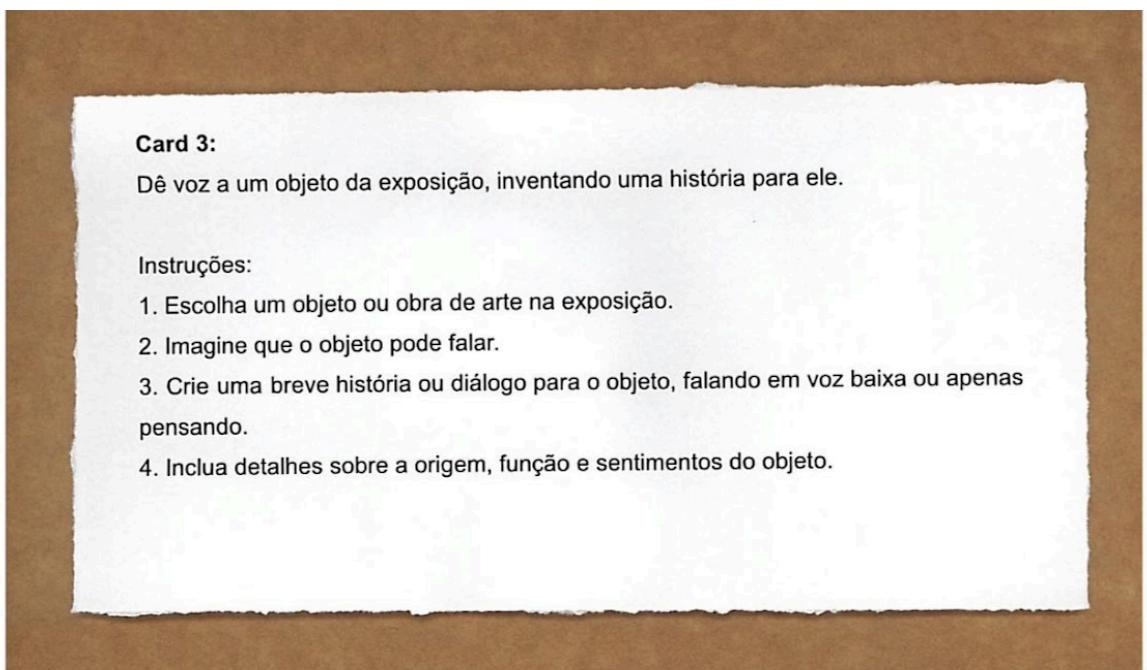
E ao facilitar esse encontro, o mediador ajuda a superar uma das principais barreiras enfrentadas pelo público em espaços expositivos: o sentimento de distanciamento e estranhamento diante das obras. Como foi o caso com Francisco, o menino que inicialmente estava entediado, em quem a mediação possibilitou uma mudança de percepção, transformando o tédio em curiosidade. Esse tipo de

aproximação torna o papel do mediador essencial para criar uma experiência mais acolhedora e acessível.

A mediação é um ato criativo que exige sensibilidade, escuta ativa e conhecimento, não apenas sobre as obras, mas também sobre os contextos culturais e sociais que permeiam o lugar em que estamos e, com a mesma importância, o que não estamos. O trabalho em mediação deve ser visto, então, como um processo de interpretação e comunicação que estimula o pensamento crítico e valoriza a multiplicidade de pontos de vista. Esse processo não apenas facilita a compreensão das obras, mas incentiva o visitante a desenvolver uma relação mais consciente e sensível com o que vê. Os espaços expositivos são frequentemente vistos como ambientes formais, nos quais as obras de arte são apresentadas de maneira isolada, e a contemplação é feita em silêncio. O mediador, no entanto, se propõe a modificar essa dinâmica, buscando criar um ambiente de diálogo e interação. Em exposições como as de Guto Lacaz, que incorporam humor e tecnologia, o mediador não só explica, mas também demonstra, envolve, brinca e instiga.

No CARD 3, por exemplo,

FIGURA 1 - Registro da proposta de mediação



As instruções colaboraram para que o público criasse uma atmosfera em que os objetos “ganhavam vida” e compartilhavam suas histórias fictícias. Ao estimular o público a imaginar e dar voz aos objetos, o mediador não apenas auxiliava na fruição da obra, mas propunha uma transformação da experiência do público com o espaço expositivo, mostrando que o museu pode ser um lugar de jogo e descoberta.

O mediador cultural também exerce um papel importante dentro dos espaços expositivos. Trabalhando para que o ambiente seja acessível a pessoas de diferentes idades, origens e níveis de familiaridade com a arte, oferecendo múltiplas maneiras de interação e compreensão das obras. Nos encontros com o público, o mediador se propõe a acolher as diferenças e adaptar sua abordagem para que todos possam se sentir à vontade e parte do espaço.

3.1 DO OBSERVADOR AO PARTICIPANTE: MEDIAÇÃO CULTURAL COMO ESPAÇO DE CRIAÇÃO

A proposta de mediação cultural desenvolvida foi fundamentada em transformar o espaço expositivo em um ambiente dinâmico e interativo, onde o público pudesse explorar as obras de arte de maneira não convencional. A intenção foi romper com a ideia de presença ausente geralmente esperada em museus e galerias, explorando uma abordagem inspirada nos princípios das artes cênicas para incentivar o envolvimento direto do público com o ambiente expositivo. O projeto foi realizado em colaboração com o Itaú Cultural, onde foram realizadas propostas de mediação, buscando valorizar a interação lúdica e reflexiva do público com a arte.

O projeto surgiu a partir de um contexto específico: experiências anteriores de mediação em instituições como o Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo e o Sesc Pompeia. A proposta atual buscou estabelecer abertura para interação, permitindo que o público pudesse construir uma relação única e pessoal com o espaço e as obras.

Os participantes eram convidados a uma experiência de exploração das obras de Guto Lacaz, incentivando interações diretas e pessoais com o espaço da exposição. O encontro começa com a escolha aleatória de um card, cada um sugerindo uma ação que une corpo, obra e espaço. Após realizar a ação indicada,

cada participante é guiado a um momento de escrita automática: durante três minutos, eles escrevem continuamente, sem pausas, registrando suas sensações, pensamentos e imagens que surgirem durante a realização. Esse fluxo de escrita se deu pela intenção de capturar a experiência de maneira espontânea.

Finalizada a escrita, cada pessoa lê o que escreveu para o grupo, momento em que os participantes pareciam querer compartilhar o que haviam escrito, foi mais fácil do que pensei que seria e sem necessidade de muitos estímulos para que a troca acontecesse, vale salientar que havia a indicação da não obrigatoriedade do compartilhamento, caso uma ou outra pessoa não se sentisse confortável. Essa partilha é um momento de escuta mútua e revela diversas perspectivas e vivências sobre a exposição. Após a leitura, uma conversa coletiva é iniciada, onde os participantes trocam interpretações e exploram ressonâncias entre as impressões de cada um, seus corpos, o espaço e as obras de Lacaz. Esse diálogo aprofunda novas camadas de compreensão sobre a experiência, enriquecendo a percepção individual e coletiva da arte contemporânea e dos encontros possíveis entre os mediadores, os visitantes, as obras e o espaço ao redor.

Ao incorporar elementos das artes cênicas, a proposta de mediação cultural, permitiu uma reavaliação do papel do visitante nos espaços expositivos. Ao invés de observadores, os visitantes foram convidados a participar ativamente, expressando suas interpretações e colaborando na criação de significados.

As propostas nos revelaram a capacidade da mediação de transformar o ambiente museológico em um espaço de experimentação e fruição livre. Em vez de apenas observar as obras, o público foi incentivado a explorar suas próprias conexões com elas, fomentando um ambiente onde a arte e o público se entrelaçam de maneira imprevisível e significativa.

FIGURA 2 - Registro da proposta de mediação

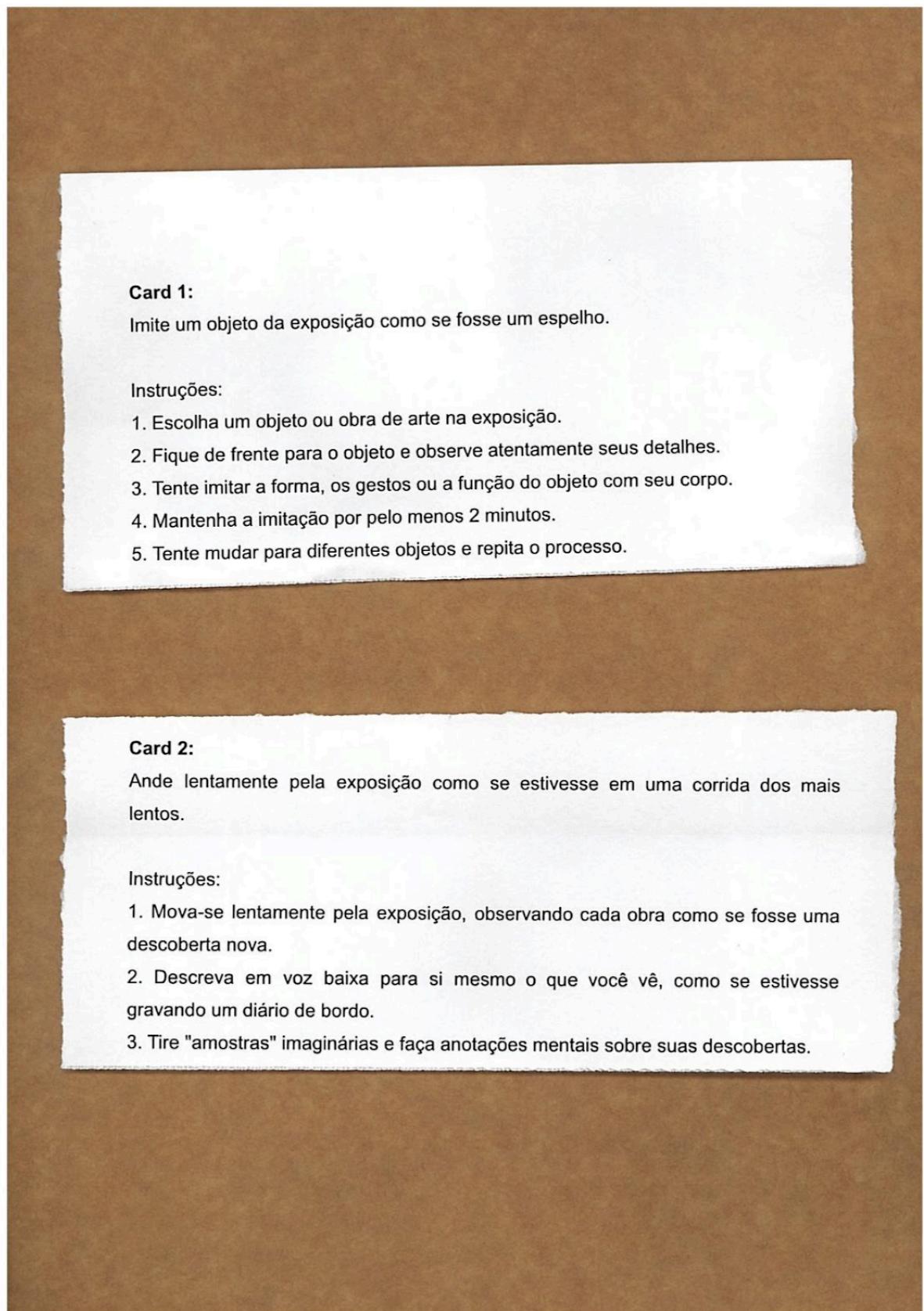


FIGURA 3 - Registro da proposta de mediação

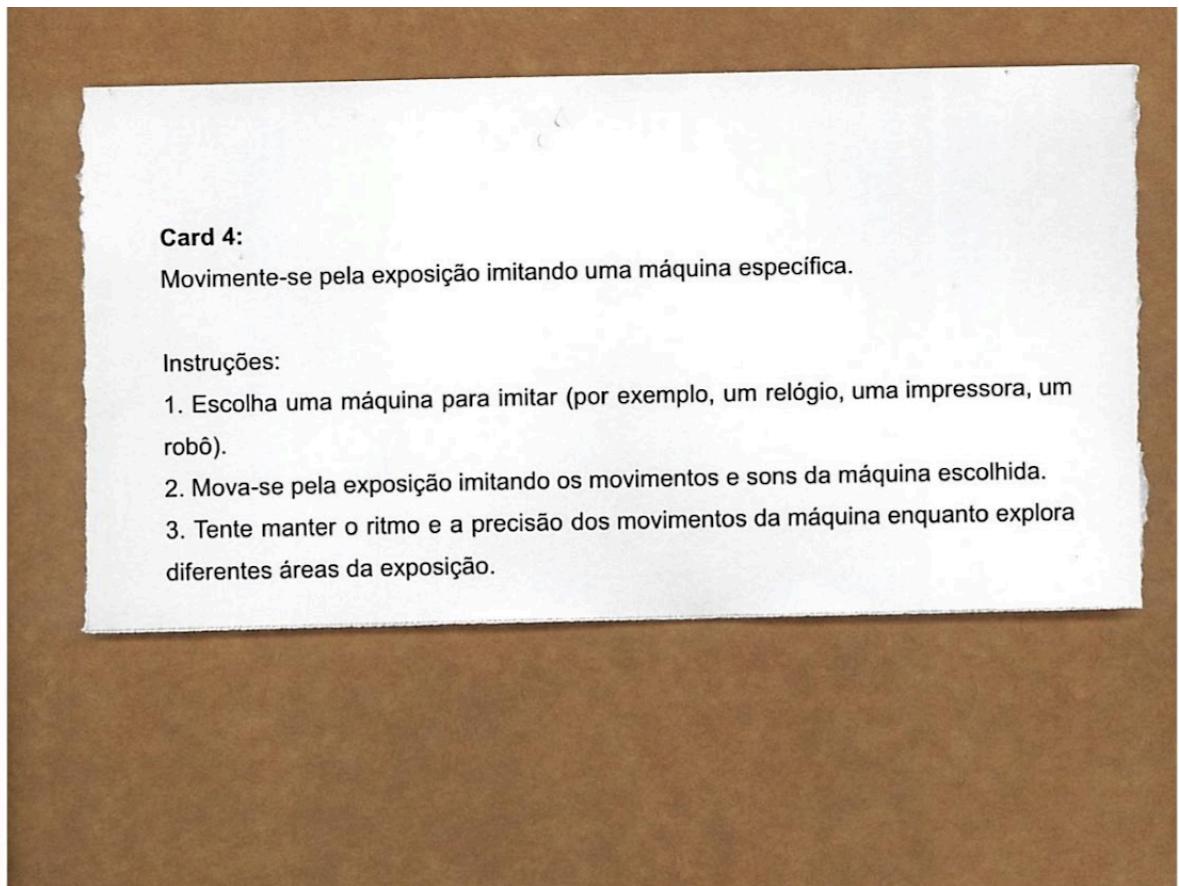


FIGURA 4 - Registro da proposta de mediação

Card 15:

Interaja com um personagem invisível em relação a uma obra de arte.

Instruções:

1. Escolha uma obra de arte e imagine um personagem invisível que faz parte dela.
2. Interaja com esse personagem através de gestos, conversas ou expressões faciais.
3. Crie um diálogo ou narrativa envolvendo você e o personagem invisível.
4. Repita com diferentes obras e personagens.

Card 30:

Use seu corpo para medir e explorar as proporções entre a obra e o espaço.

Instruções:

1. Posicione-se ao lado de uma obra e estenda os braços, pernas ou corpo para medir visualmente a altura, largura ou profundidade da obra.
2. Compare essas medições corporais com elementos arquitetônicos próximos, como portas, janelas ou colunas.
3. Tente ajustar sua postura ou movimentos para "encaixar" seu corpo dentro dessas proporções.
4. Reflita sobre como seu corpo se torna uma ponte entre a escala da obra e a arquitetura.

FIGURA 5 - Registro da proposta de mediação

Card 33:

Use seu corpo para criar diferentes "enquadramentos" para uma obra em relação ao espaço.

Instruções:

1. Fique diante de uma obra e observe-a por alguns momentos.
2. Mova-se lentamente, inclinando-se, agachando-se ou mudando de ângulo, de forma a criar diferentes enquadramentos da obra com o espaço arquitetônico.
3. Explore como cada enquadramento muda a forma como você percebe a relação entre a obra e o espaço.
4. Escolha um enquadramento favorito e reflita sobre por que ele parece mais significativo ou interessante.

Card 36:

Imagine os rastros invisíveis deixados por outras pessoas e como eles influenciam o espaço.

Instruções:

1. Caminhe por uma área da exposição e imagine que você pode ver os rastros deixados por outras pessoas que passaram por ali.
2. Visualize esses rastros como linhas, manchas ou marcas no chão e nas paredes.
3. Conecte mentalmente esses rastros com as obras de Guto Lacaz, imaginando como a passagem das pessoas altera a interação entre a arte e o espaço.
4. Reflita sobre como o movimento coletivo influencia a atmosfera e a percepção do ambiente.

4 A EXPERIÊNCIA

Neste capítulo, apresentarei a prática proposta, detalhando o encontro com alguns dos grupos e os resultados das intervenções no espaço expositivo. A realização coletiva da proposta trouxe uma dimensão fundamental para a experiência: a força do olhar do outro como elemento enriquecedor. Ao participarem juntos, os integrantes do grupo não apenas executavam as mesmas ações, mas também compartilhavam um campo comum de exploração. Esse processo de coletividade possibilitou que pudesse ser estabelecido um ambiente de apoio mútuo, encorajando cada pessoa a se abrir para a experiência.

O ato de realizar as propostas em grupo destacou a importância da troca de olhares e perspectivas. Quando cada participante comentava suas impressões, os outros não apenas escutavam, mas também ofereciam novas camadas de significado, conectando suas próprias vivências às dos colegas. Esse diálogo revelou como o outro não é apenas um espectador, mas um cocriador da experiência, ampliando as possibilidades de interpretação e criando uma rede de significados compartilhados.

Além disso, o fato de todos realizarem as mesmas ações reforçou um senso de igualdade e pertencimento, promovendo a ideia de que a construção de sentidos pode ser também coletiva. Essa dinâmica buscou romper com a ideia de uma vivência isolada e moveu uma experiência interconectada, onde o incentivo mútuo entre os participantes foi determinante para superar possíveis inseguranças e medos. Cada um se sentiu parte de um todo maior, contribuindo para a criação de um espaço de diálogo aberto, criativo e acolhedor.

Essa dimensão coletiva da proposta evidenciou que, embora cada participante trouxesse suas singularidades, foi a troca entre eles que permitiu o aprofundamento das relações com as obras, o espaço e entre si. Assim, o grupo tornou-se não apenas um suporte, mas também um catalisador para uma vivência mais rica, sensível e significativa.

4.1 RESISTÊNCIA E FLEXIBILIDADE: EXPLORANDO MEDIAÇÃO CULTURAL COM ARQUITETOS, DESIGNERS E ENGENHEIROS

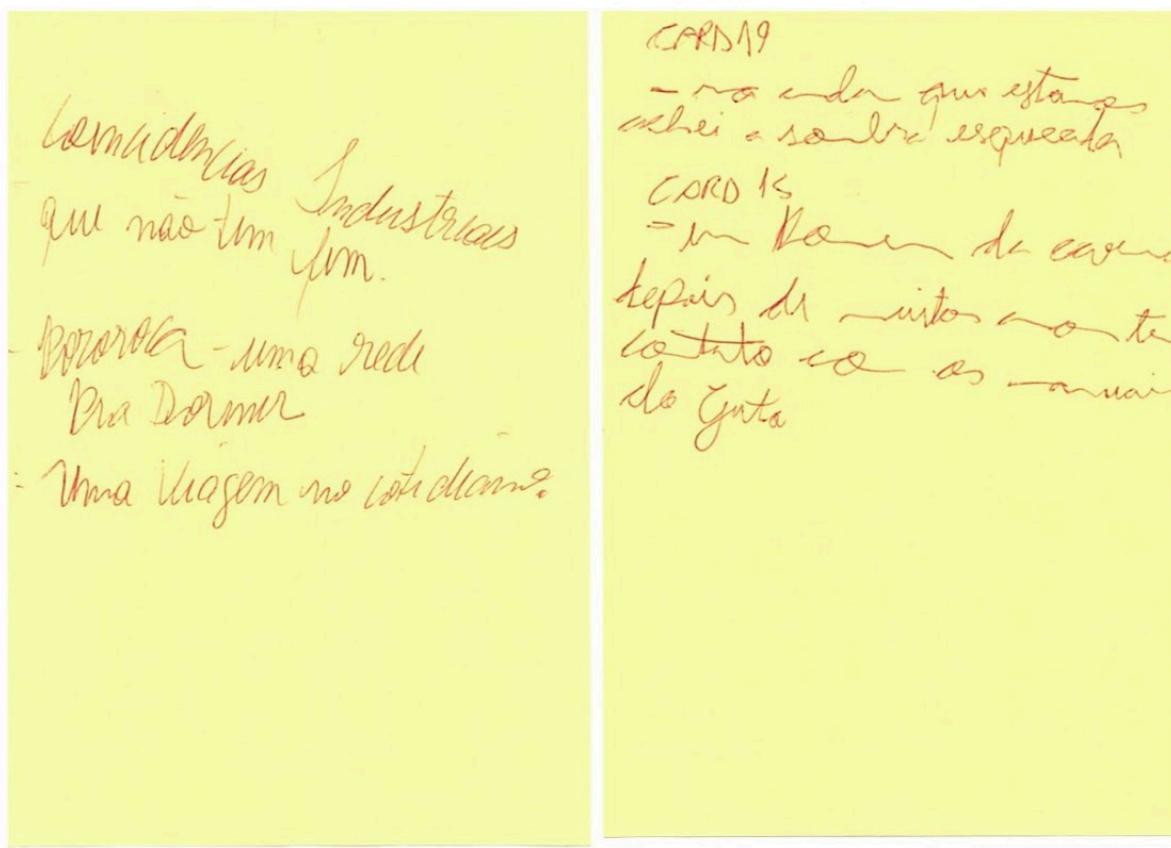
Em um dos encontros, a proposta foi realizada com um grupo composto por arquitetos, designers e engenheiros, e o desenvolvimento da dinâmica revelou alguns desafios específicos. Desde o início, foi perceptível uma atmosfera de hesitação entre os participantes, o que gerou um ritmo mais truncado no processo. Parte do grupo demonstrou certa resistência, talvez por não encontrar sentido na proposta que estava sendo feita e pela surpresa do que esperavam em uma visita mediada, o que se refletiu em pedidos para adaptar ou até mesmo modificar a proposta de mediação apresentada.

Os participantes, acostumados a trabalhar em contextos mais técnicos e estruturados, pareceram sentir-se desconfortáveis com a abordagem mais fluida e aberta que a proposta exigia. Esse desconforto resultou em resistências de diferentes formas: buscando formatos mais convencionais ou lineares, outros se retraíam em silêncio, evitando uma participação mais ativa.

A resistência manifestada, trouxe à tona a necessidade de um ajuste na condução da atividade. A proposta, que inicialmente previa uma imersão direta e conduzida, precisou ser reavaliada para permitir uma aproximação mais gradual. O desafio era manter a essência da mediação, que visa estimular o engajamento ativo, sem forçar os participantes a saírem abruptamente de suas zonas de conforto.

A resistência não se manifestou de forma negativa, mas como um sinal claro da dificuldade em se envolver com propostas mais experimentais, o que reforça a importância de flexibilizar as estratégias de mediação. Ao final, a experiência proporcionou um aprendizado valioso sobre a necessidade de adaptação da linguagem e das técnicas utilizadas, dependendo do público-alvo e de suas características específicas.

FIGURA 6 - Registro do resultado da prática proposta



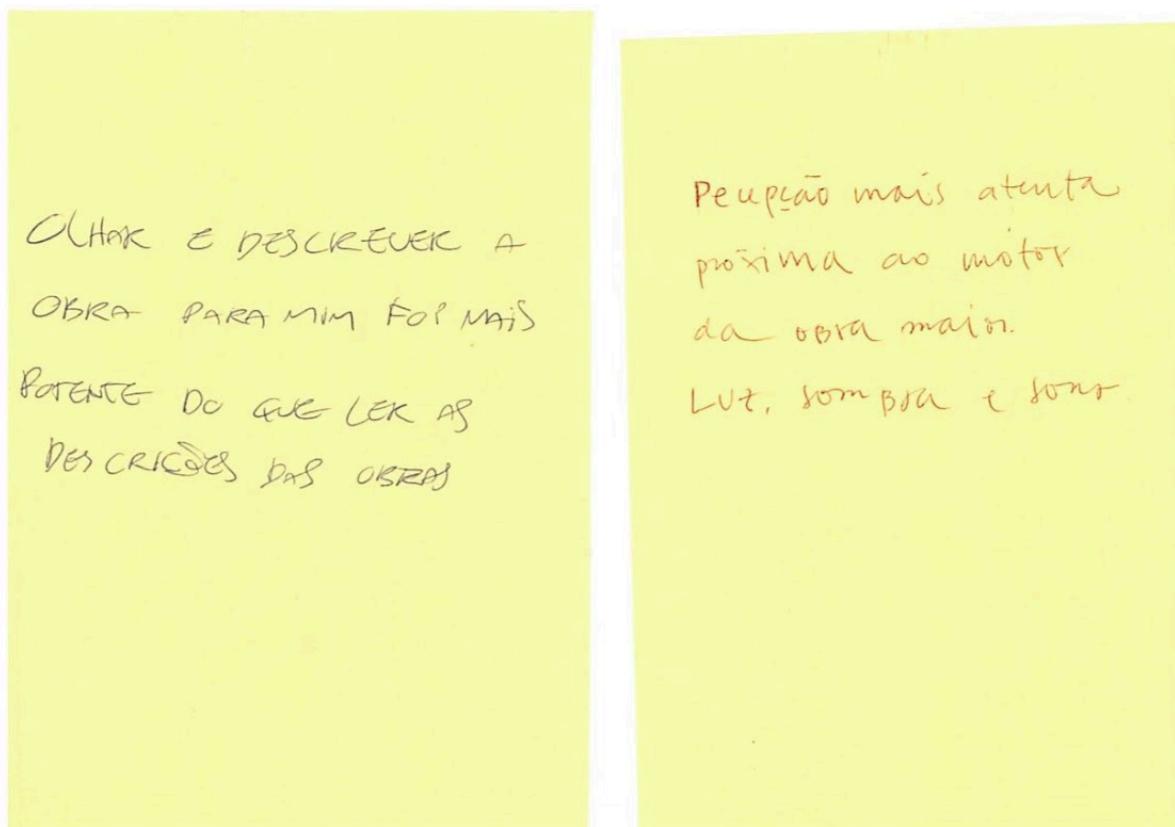
1 - Coincidências industriais que não tem fim.

Pororoca - uma rede pra dormir.

Uma viagem no cotidiano

2 - CARD 19 No andar em que estamos achei a sombra esquecida

FIGURA 7 - Registro do resultado da prática proposta



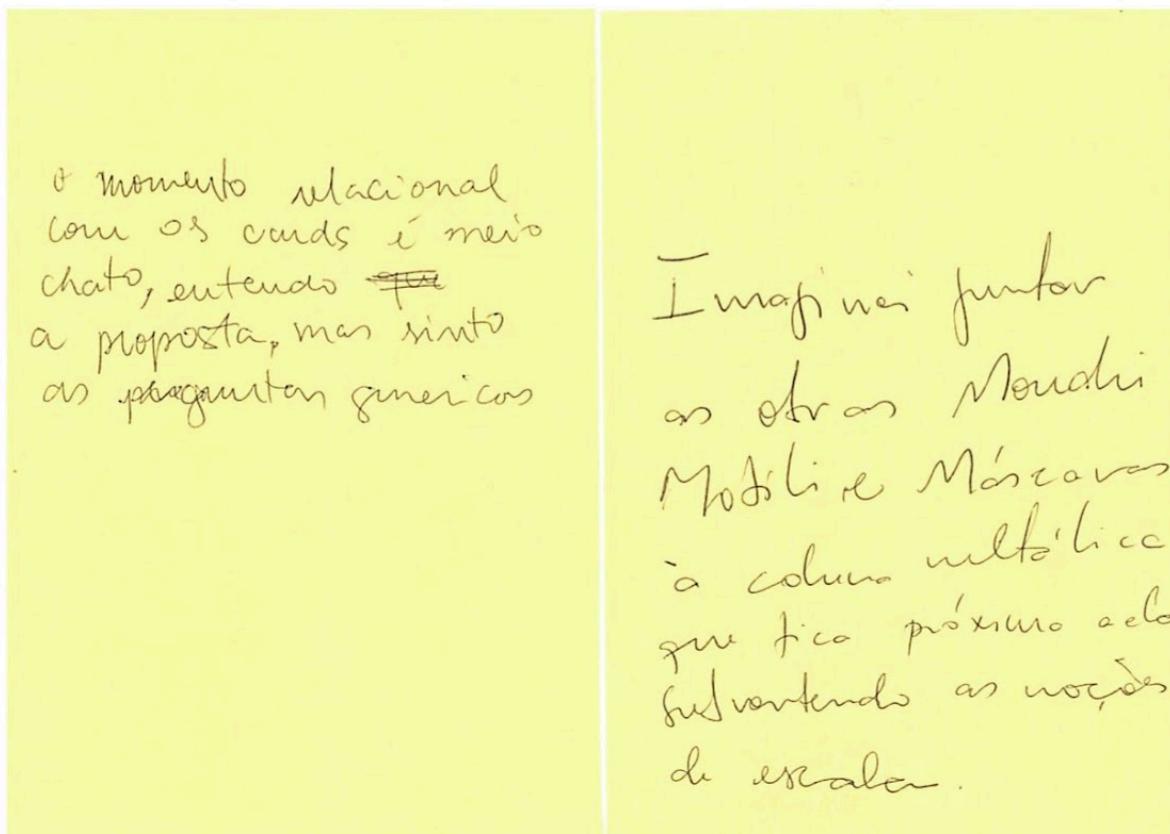
1

Olhar e descrever a obra para mim foi mais potente do que ler as descrições das obras

2

Percepção mais atenta próxima ao motor da obra maior. Luz, sombra e sons.

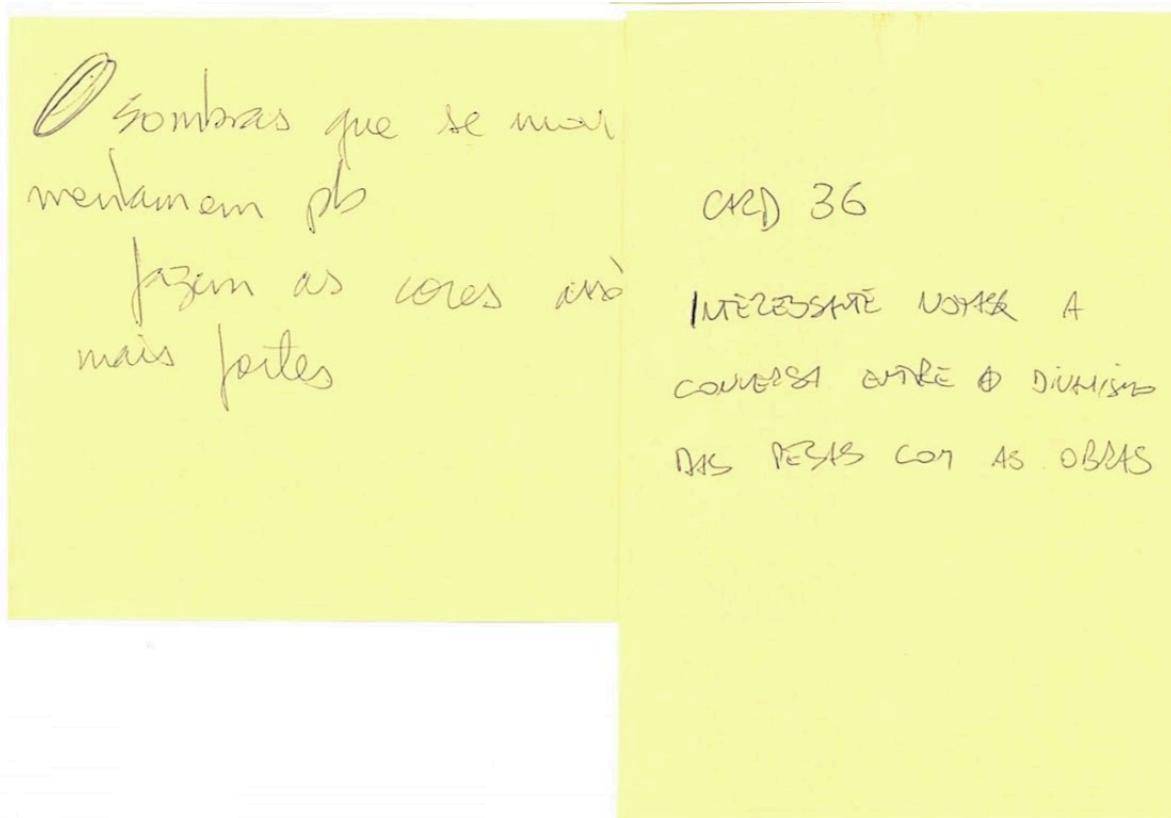
FIGURA 8 - Registro do resultado da prática proposta



1 - O momento relacional com os cards é meio chato, entendo a proposta, mas sinto perguntas genéricas.

2 - Imaginei juntar as obras MondriMobile e Máscaras à coluna metálica que fica próximo a ela, subvertendo as noções de escala.

FIGURA 9 - Registro do resultado da prática proposta



1

Sombras que se manifestam em PB fazem as cores mais fortes

2

CARD 36 interessante notar a conversa entre a divisão das peças com as obras.

4.2 ENTRE RASTROS E LIMITES NO ESPAÇO MUSEOLÓGICO

Durante o encontro com um grupo de jovens em idades variadas, os participantes refletiram de maneira mais profunda sobre como a proposta de mediação permitiu uma aproximação mais significativa com as obras e o espaço expositivo, incentivando-os a atribuir significados pessoais. Um exemplo marcante foi o relato de uma participante que, ao observar um mólide, inicialmente não sentia qualquer conexão com a obra. No entanto, ao se envolver na dinâmica proposta, passou a imaginar o objeto como uma pipa, atribuindo-lhe um novo significado que a aproximou da obra de forma mais íntima e pessoal.

Além dessa ressignificação das obras, muitos participantes comentaram sobre a experiência incomum de utilizar o próprio corpo para explorar tanto o espaço quanto as peças expostas. A proposta performática estimulou movimentos e interações diferentes do que normalmente se espera em uma visita tradicional, levando-os a ocupar o espaço de forma mais ativa. Essa abordagem não só intensificou a relação com as obras, mas também trouxe uma nova percepção sobre o próprio corpo em relação ao ambiente expositivo e às outras pessoas. Vários participantes observaram como essa experiência tornou a visita mais dinâmica, rompendo com a postura da presença ausente, muitas vezes assumida em espaços de museu.

Um dos momentos interessantes foi quando uma participante relatou o estranhamento ao investigar os rastros deixados por outros visitantes ao longo da exposição. Ela notou pegadas, deslocamentos sutis e outras marcas, que revelavam a presença de pessoas que não participavam diretamente da mediação. Isso a fez refletir sobre a interação silenciosa entre ela e esses visitantes anônimos, ampliando sua percepção de que a experiência de uma exposição vai além da contemplação das obras e envolve também a dinâmica social e coletiva do espaço. Os rastros, para ela, tornaram-se vestígios de uma presença compartilhada, que conectava sua experiência individual com a de outros frequentadores da exposição.

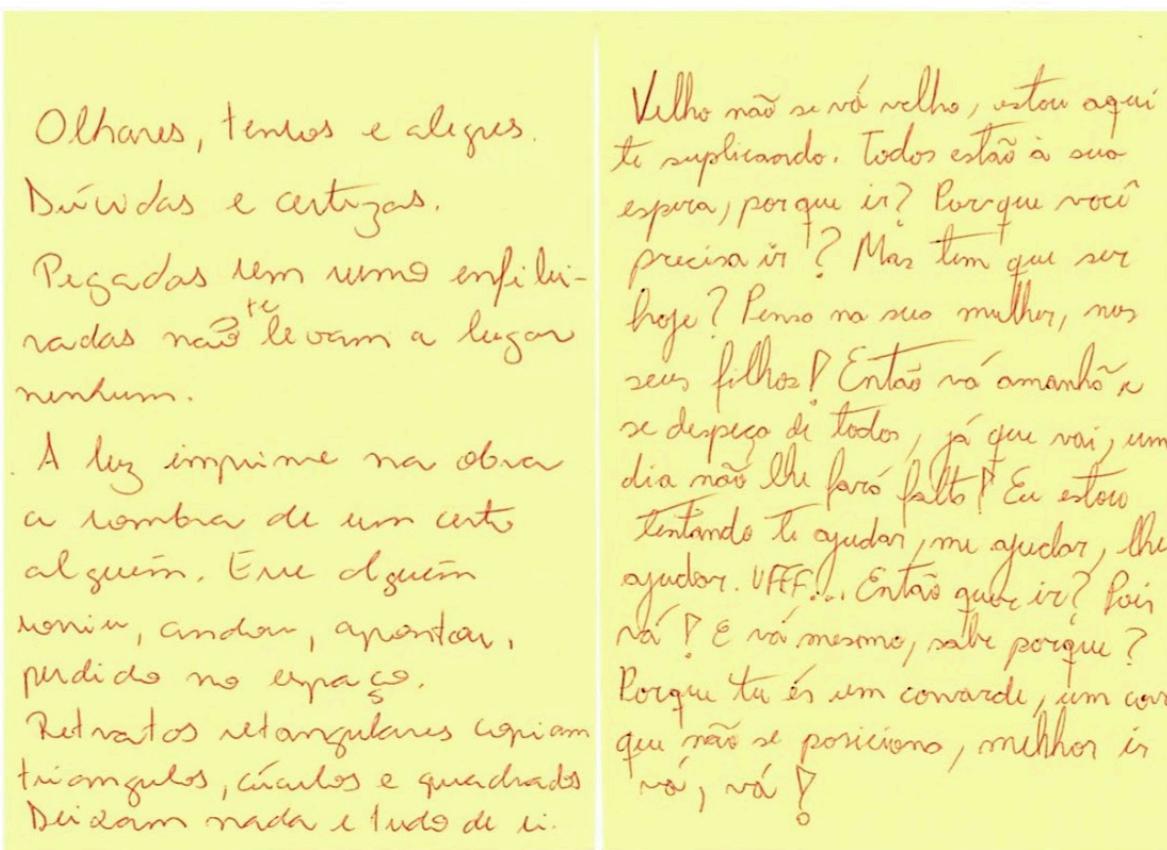
No entanto, houve um momento inesperado que adicionou uma camada extra à experiência: a presença do salvaguarda da exposição, que, ao perceber o comportamento incomum dos participantes, se posicionou próximo ao grupo. O uso mais livre do corpo, os movimentos espontâneos e a maneira como os participantes

interagiam com o espaço não condiziam com o que tradicionalmente se espera em um ambiente expositivo. Isso chamou a atenção do salvaguarda, que, embora discreto, demonstrava certa curiosidade e preocupação com aquela forma não convencional de estar na exposição. Ou seja, o contrário de uma presença ausente.

Esse episódio evidenciou a tensão entre a maneira tradicional de vivenciar uma exposição e a proposta da mediação, que visava romper com as convenções do “cubo branco” e transformar o espaço em algo mais fluido e interativo. A presença do salvaguarda, mesmo que silenciosa, atuou como um reflexo das normas de comportamento típicas do museu e do desafio que novas abordagens trazem para essas instituições. A interação entre os participantes e o espaço não só gerou estranhamento para os visitantes habituais, mas também para os próprios funcionários, reforçando o impacto da proposta ao subverter as expectativas de como nos comportamos em um espaço expositivo.

Esse momento, longe de ser um obstáculo, revelou a potência transformadora da mediação, que não apenas aproximou os visitantes das obras, mas também trouxe à tona questões sobre as normas e limites que governam o comportamento em museus. A proposta, ao estimular um envolvimento ativo e corporal, mexeu com as estruturas estabelecidas, tanto para o público quanto para a própria equipe do museu.

FIGURA 10 - Registro do resultado da prática proposta



1

Olhares, tensos e alegres.

Dúvidas e certezas.

Pegadas sem rumo enfileiradas
não te levam a lugar nenhum.

A luz imprime na obra a sombra
de um certo alguém. Esse alguém
sorriu, andou, apontou, perdido no
espaço.

Retratos retangulares copiam
triângulos, círculos e quadrados.

Deixam nada e tudo de si.

2

Velho Não se vê velho, estou
aqui te suplicando. Todos estão à sua
espera, por que ir? Por que você
precisa ir? Mas tem que ser
hoje?

Pense na sua mulher, nos seus filhos!
Então vá amanhã e se despeça de
todos, já que vai, um dia não lhe fará
falta! Eu estou tentando te ajudar, me
ajudar, lhe ajudar. UFFF... Então quer
ir? Pois vá! E vá mesmo, sabe
porquê? Porque tu és um covarde, um
covarde que não se posiciona, melhor
ir, vá, vá

FIGURA 11 - Registro do resultado da prática proposta

Luz que ilumina olho pelxe beca categórica
 Derrama pela escada que corta teido
 e enquadra olhar. Para trás o giro
 do metal born énguarramento, escava
 e expande. Distorcendo e movendo
 a paisagem, a escada, a janela. O
 arco da bicicleta enquadra-enquadra
 mento que não o abarca. Linhas
 perpendiculares e curvas.

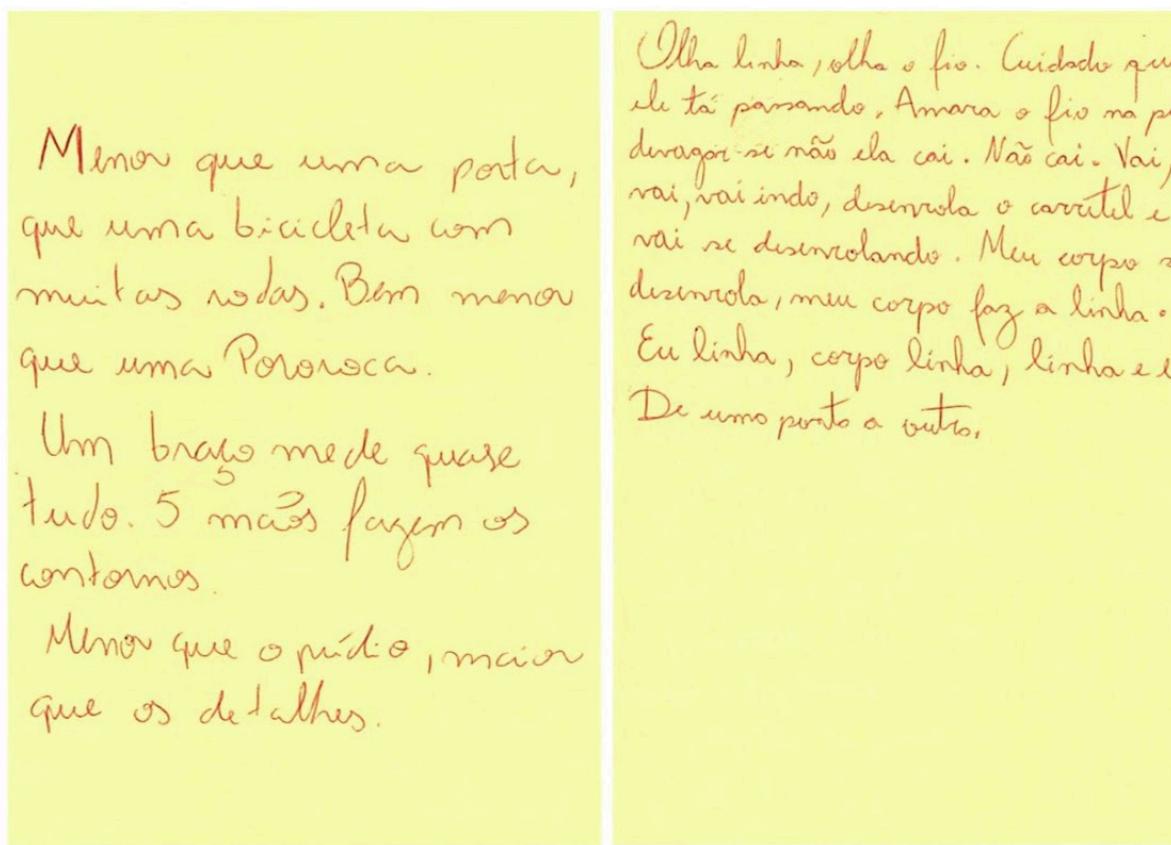
— — — — —

Frio nos braços. Contraste de cores
 d'barato nos olhos

FR1000. Imagens hieroglíticas
 Engravadinho visadinho
 Será que te vendo isso? Som das
 máquinas parecem quadradas pifando
 Vida lá fora, e vontade de ir

Set o que não se é é
 também pensar o seu se
 que ao mimetizar, vira
 mero coadjuvante de si
 mesmo, se entrogando a
 existências outras, suas
 questões ou ausências de
 E ainda assim contempla
 a incapacidade de se
 desvincular por completo
 de si mesmo. Uma
 Sina presente. Escolha
 de destino

FIGURA 12 - Registro do resultado da prática proposta



1

Menor que uma porta, que uma bicicleta com muitas rodas. Bem menor que uma pororoca.

Um braço mede quase tudo. 5 mãos fazem os contornos.

Menos que o prédio, maior que os detalhes.

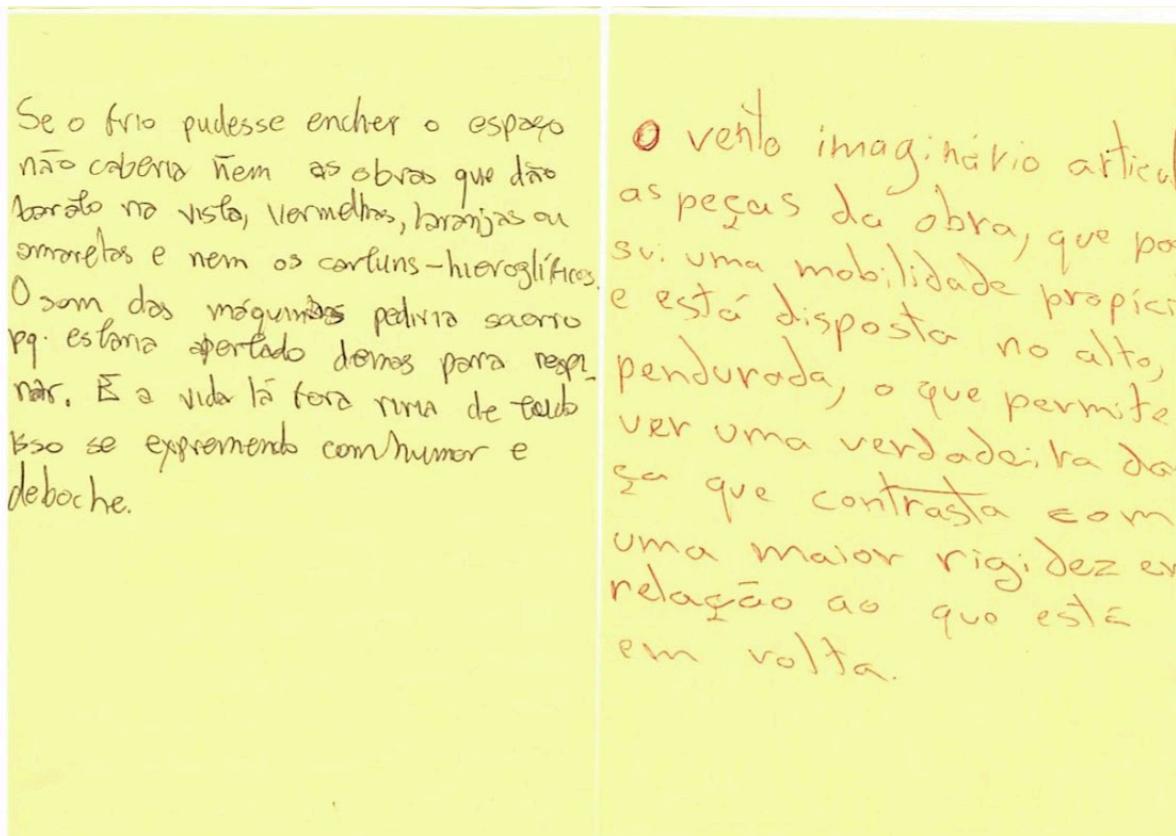
2

Olha linha, olha o fio. Cuidado que ele tá passando. Amarra o fio na pipa, devagar se não ela cai. Não cai. Vai, vai, vai indo, desenrola o carretel e vai se desenrolando. Meu corpo se desenrola, meu corpo faz a linha.

Eu linha, corpo linha, linha e eu.

De uma ponta a outra.

FIGURA 13 - Registro do resultado da prática proposta



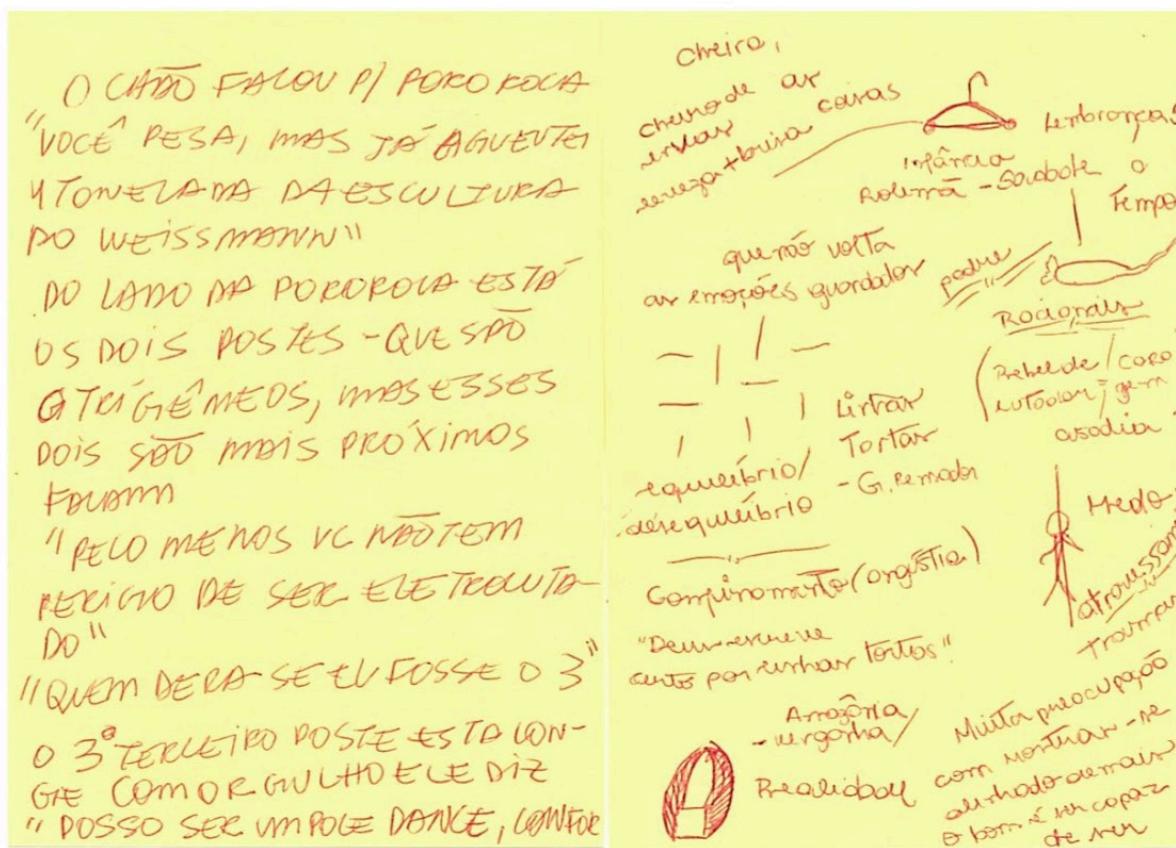
1

Se o frio pudesse encher o espaço não caberia nem as obras que dão barato na vista, vermelhas, laranjas ou amarelas e nem os cartuns-hieroglíficos. O som das máquinas pediria socorro porque estaria apertado demais para respirar. E a vida lá fora riria de tudo isso se espremendo com humor e deboche.

2

O vento imaginário artificial, as peças da obra, que possui uma mobilidade propícia e está disposta no alto, pendurada, o que permite ver uma verdadeira dança que contrasta com uma maior rigidez em relação ao que está em volta.

FIGURA 14 - Registro do resultado da prática proposta



1

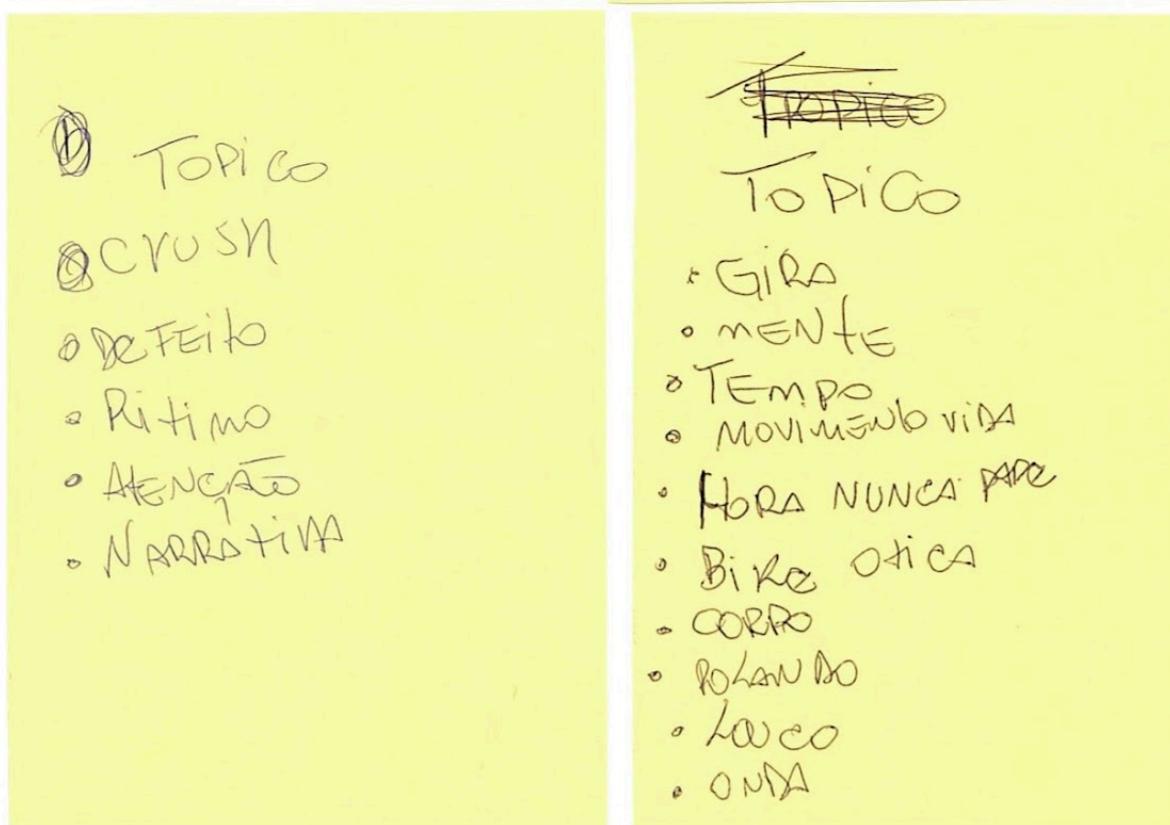
O chão falou para a pororoca
 "você pesa, mas já aguentei 4
 toneladas da escultura de Weissmann"

Do lado da pororoca está os
 dois postes - que são trigêmeos, mas
 esses dois são mais próximos,
 falavam "pelo menos você não tem
 perigo de ser eletrocutado"

"quem dera eu fosse o 3"

O terceiro poste está longe com
 orgulho ele diz "posso ser um pole
 dance"

FIGURA 15 - Registro do resultado da prática proposta



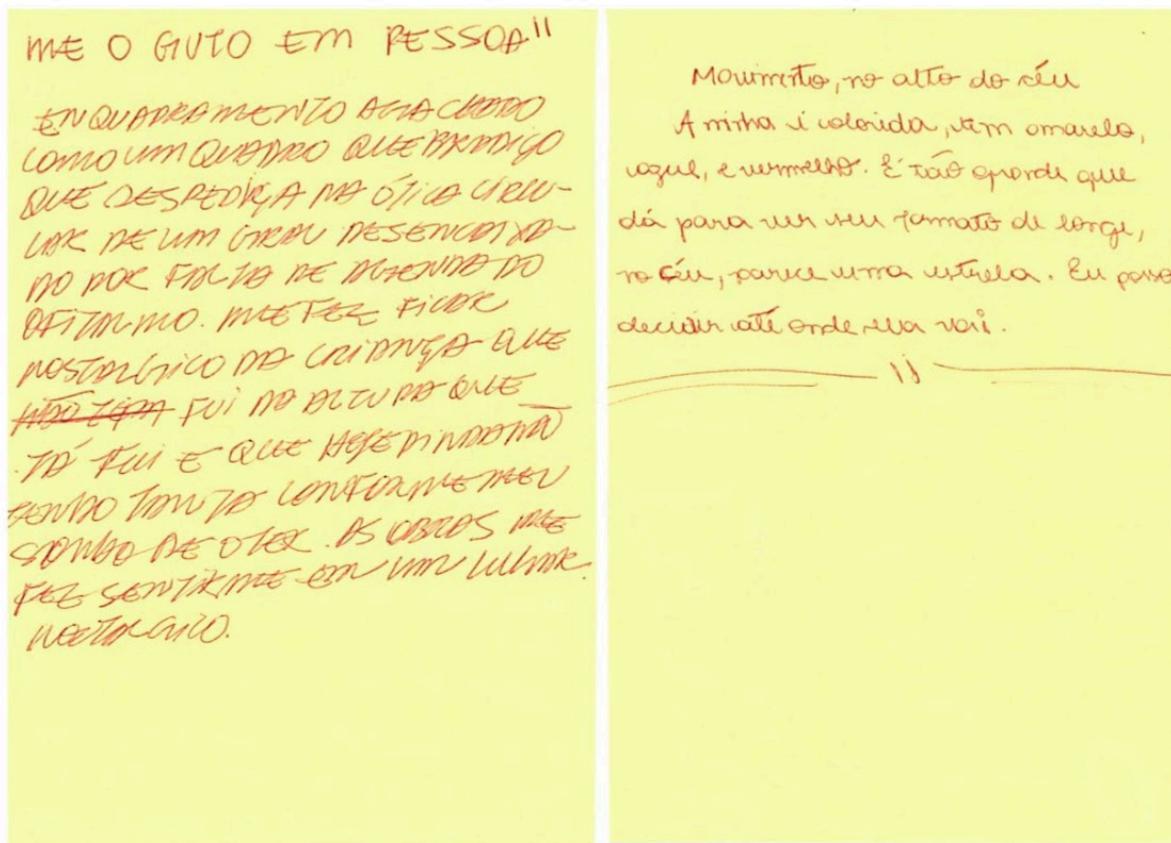
1

2

- Tópico**
- Crush
 - Defeito
 - Ritmo
 - Atenção
 - Narrativa

- Tópico**
- Gira
 - Mente
 - Tempo
 - Movimento Vida
 - Hora nunca pare
 - Bike ótica
 - Corro
 - Rolando
 - Louco
 - Onda

FIGURA 16 - Registro do resultado da prática proposta

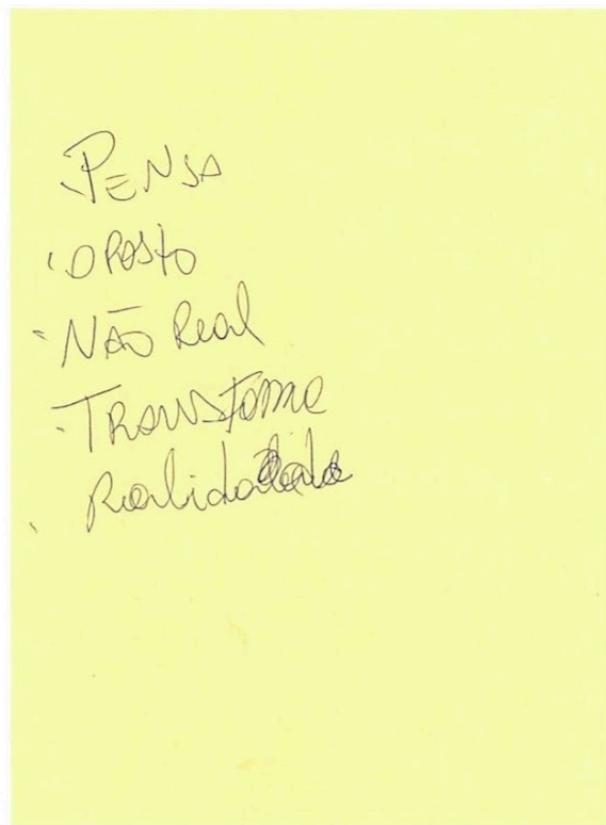


2

Movimento, no alto do céu

A minha vida é colorida, tem amarelo,
azul e vermelho. É tão grande que dá
pra ver seu formato de longe, no céu,
parece uma estrela. Eu posso decidir
até onde ela vai.

FIGURA 17 - Registro do resultado da prática proposta



1

- Pensa
- O rosto
- Não real
- Transtorno
- Realidade

Segundo Jorge Larrosa (2001) "A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece." e está intrinsecamente interligado aos vínculos que são necessários estabelecer para chegar ao sentido, seja ele coletivo ou individual, a partir das experiências que perpassam as vivências e se encontram com a vivência do outro. Há então uma criação de um espaço em que pode ser estabelecido um encontro de possibilidades e interpretações, ou reinterpretações, a partir da experiência proposta realizada com os participantes.

4.3 VAZIO: A IMPORTÂNCIA DA AUSÊNCIA PARA A MEDIAÇÃO CULTURAL

Em um dos encontros, apesar da expectativa de receber um grupo de participantes, ninguém compareceu. A ausência de visitantes transformou a experiência em algo interessante, permitindo uma observação mais detalhada do espaço expositivo e das sensações que ele evocava. Sem a presença de outras pessoas, estar no ambiente se tornou mais perceptível, o que possibilitou uma atenção redobrada aos sons sutis que normalmente passariam despercebidos, como o leve zumbido das luzes, o som dos sistemas de ventilação, e até os passos distantes de quem vez em quando passava por ali.

A espera, que inicialmente poderia parecer frustrante, acabou sendo uma oportunidade de imersão involuntária no próprio espaço. O vazio físico abriu espaço para uma conexão com o ambiente, onde cada detalhe — as paredes, o reflexo das obras sob diferentes ângulos de luz, o eco suave de qualquer movimento — ganhou intensidade. As obras, livres de qualquer olhar externo, pareciam estar em um estado de repouso silencioso, esperando por interações que não viriam naquele momento.

A ausência de vozes e da movimentação habitual dos visitantes trouxe uma sensação diferente, quase meditativa. O tempo desacelerou, e com ele surgiu uma nova percepção das dinâmicas do espaço, não mais moldadas pela mediação ou pelo público, mas pela presença silenciosa do ambiente em si. Em alguma medida, dessa forma, é que o visitante parece ser esperado, presente ausente.

Essa espera, que inicialmente poderia ser vista por mim como uma falha no processo de mediação, revelou-se uma experiência rica em sensações, permitindo uma percepção outra com o espaço.

5 CONCLUSÃO

Ao longo deste texto, a intenção foi de examinar a rica e complexa relação entre propostas de mediação em espaços expositivos. Partindo da premissa estabelecida, de que tais práticas não apenas subvertem a presença ausente que se espera do espectador, mas também ressignificam o próprio espaço expositivo, exploramos como essas dinâmicas se desenrolam em diferentes contextos. Ao trazer à tona as características dialógicas e interativas das propostas, fica evidente que essas práticas não podem ser dissociadas dos ambientes em que ocorrem, seja por reforçar ou tensionar os limites espaciais, seja por envolver de maneira direta os visitantes, convertendo-os em criadores da experiência artística.

As reflexões propostas destacaram como os encontros se situam em uma zona híbrida entre a arte e a pedagogia, gerando novas formas de engajamento que vão além da mera contemplação estética. As práticas de mediação, quando conjugadas com o caráter vivo e efêmero, propõem a desconstrução, ou reformulação, das hierarquias convencionais entre artista, obra, mediador e público, criando um campo de experimentação onde múltiplas vozes e subjetividades podem se manifestar. Assim, os visitantes deixam de ser a presença ausente para se tornarem agentes ativos, que contribuem tanto para a fruição quanto para a criação de sentidos em torno das obras expostas.

A partir dos exemplos discutidos, foi possível identificar que a temporalidade única da experiência permite a criação de vínculos afetivos e intelectuais entre o público, o mediador ou educador e a obra. Isso me parece ocorrer, em parte, devido ao caráter imersivo e à potencialidade de interação, que transforma a experiência expositiva em algo dinâmico, fugaz e, muitas vezes, imprevisível. A mediação, por sua vez, quando inserida nesse contexto, amplia as possibilidades interpretativas, desafiando o público a questionar seus próprios posicionamentos, ao mesmo tempo em que fomenta uma maior abertura à multiplicidade de leituras possíveis.

Mas há descobertas e caminhos futuros, durante a realização e análise das práticas realizadas, foi possível perceber que os recursos utilizados, embora eficazes em muitos momentos, também continham limitações que merecem ser

revisitadas. Um exemplo foi a resistência com o grupo de arquitetos, cuja aplicação revelou a necessidade de adaptação da proposta no momento em que o encontro acontecia. Essa dificuldade me levou a questionar como poderia realizar a proposta de maneira mais adequada para grupos com diferentes características. A partir disso, percebo que a reestruturação das instruções contidas nos CARDS poderia ter potencializado a experiência, especialmente no que diz respeito à interação dos grupos com a proposta.

Além disso, a dinâmica de vincular as instruções dos CARDS à exposição de Guto Lacaz trouxe à tona a necessidade de refletir sobre como seria a aplicação caso a proposta tivesse sido escrita sem o foco específico em uma exposição e tivesse sido realizada nas outras exposições que estavam abertas. Se fosse iniciar um novo ciclo dessas propostas, priorizaria, sem dúvida, a exploração em outras exposições, com diferentes projetos expográficos, e uma relação menos direta com as obras contidas em cada uma delas, buscando superar os desafios encontrados e aprofundar os potenciais identificados, especialmente no que se refere à experiência do público e ao processo de experimentação dos espaços expositivos.

Essas reflexões finais reforçam a importância de entender a mediação como um campo em constante evolução, no qual o aprendizado ocorre não apenas com os públicos atendidos, mas também com as experiências vivenciadas e os erros ao longo do caminho. Reconhecer tais desafios e potenciais é fundamental para expandir as possibilidades da mediação cultural e artística, garantindo que ela permaneça um espaço de construção coletiva, adaptável e vivo.

Por isso, comprehendo que as práticas de mediação, apesar das dificuldades encontradas, parecem se concretizar como poderosas ferramentas de experimentação, reimaginação e de ressignificação do espaço expositivo, promovendo encontros que são ao mesmo tempo artísticos, pedagógicos e políticos. Ao devolver o poder de interpretação e criação ao público, essas práticas sugerem uma nova forma de conceber o espaço da exposição, não mais como um local de consumo estático de arte, mas como um território em constante construção, onde o inesperado e o efêmero podem se tornar catalisadores de novas formas de subjetividade.

Portanto, ao responder à problemática levantada na introdução, podemos afirmar que as propostas, como vimos, quando integradas à mediação em espaços expositivos, possuem o potencial de transformar as experiências de interação do público com as obras, estabelecendo novos parâmetros de engajamento e participação. Mais do que isso, tais práticas colocam em questão as próprias fronteiras entre o que é visto como arte e o que é entendido como experiência coletiva, abrindo espaço para experimentações que reverberam para além das paredes do museu ou da galeria, impactando diretamente as formas como nos relacionamos com a arte.

As intervenções realizadas evidenciam a potencialidade das artes cênicas em enriquecer a mediação, oferecendo novos horizontes para as experiências em espaços expositivos. Este projeto demonstrou que o museu pode se tornar um cenário de exploração pessoal e coletiva, onde a imaginação e a criatividade são os principais guias para o público. As performances não só contribuíram para a fruição das obras de Guto Lacaz, como também abriram caminhos para uma outra abordagem de mediação.

Assim, o fim, no sentido de intenção, não é temporal ao compreender que não se coloca uma dimensão que se encerra ao fim de um encontro com o grupo, e, sim, que cria-se experiências que podem ser descobertas ou resgatadas. Importante enfatizar que não se dimensiona se essas experiências serão retomadas mas se sabe que de algum modo estarão lá, envolvendo um agora, um antes e um depois, como diz Paulo Freire em *“Ação Cultural para a Liberdade”*:

A criticidade e as finalidades que se acham nas relações entre os seres humanos e o mundo em que estas relações se dão com um espaço que não é apenas físico, mas histórico e cultural. Para os seres humanos, o aqui e o ali envolvem sempre um agora, um antes e um depois. Desta forma, as relações entre os seres humanos e o mundo são em si históricas, como históricos são os seres humanos, que não apenas fazem a história em que se fazem mas, consequentemente, contam a história deste mútuo fazer. A “hominização” - Chardin - no processo da evolução, anuncia o ser autobiográfico. (1981, p. 55)

Desse modo, após analisar a experiência, é inegável a importância dos profissionais de mediação que, como deve ser reconhecido, não representam o papel de guias mas constroem seus percursos e buscam fomentar e incentivar a

experiência que não acontece somente no espaço físico arquitetônico. Ou seja, não se trata de pensar a mediação sem considerar para quem ela é destinada, ou de criar um universo perfeito por um período de tempo. É preciso sempre lembrar que ao final do encontro cada uma das pessoas recebidas voltarão para suas realidades, e isso deve ser compreendido. Assim, se faz necessário

criar oportunidades para que os alunos saiam do âmbito da escola e reconheçam que o aprendizado ocorre na vida, a todo instante e também de maneira informal. É importante provocar no aluno a curiosidade e o interesse pelo que ocorre ao seu redor e ampliar o seu horizonte cultural. Sair dos muros da escola é uma atividade saudável, inspiradora, faz do ensino-aprendizagem um ato dinâmico, ativo e interativo. (SOARES, Carmela Corrêa. 2010, p. 105)

Da mesma forma, é importante se provocar, enquanto mediador, para o que ocorre ao nosso redor. Sem que também nos imaginemos em uma redoma de vidro que facilmente se quebra com a realidade que pode ser facilmente vista na vida cotidiana e no dia a dia do trabalho com mediação cultural.

Por fim, em relação à experiência, trago mais um trecho de Teixeira Coelho, “Como é difícil optar pela ação, deixar que as pessoas inventem seus fins e o modo de chegar até eles! É preciso uma confiança no processo, uma disposição para pagar para ver, que não se tem todos os dias - que não temos todos os dias.” (1989, p.18) e o que parece faltar, é que curadores, arquitetos paguem um pouco mais para ver os potenciais dos espaços expositivos quando pensados junto à mediação.

REFERÊNCIAS

BONDÍA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência.** Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, ANPEd, n. 19, p. 20-28, Abr. 2002. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/mod/resource/view.php?id=3178432&forceview=1>.

CARVALHO, José Sérgio Fonseca de. **Um Sentido para a Experiência Escolar em Tempos de Pandemia.** Revista Educação e Realidade, [S. I.], v. 45, n. 4, 2020. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/109144>. Acesso em: 24 jun. 2022.

Falk, M., & Dierking, L. D. (2011). **The museum experience.** Walnut Creek, CA: Left Coast Press.

GRINSPUM, Denise. **Educação para o Patrimônio:** Museu de Arte e Escola - Responsabilidade compartilhada na formação de públicos. Tese de doutorado apresentada na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FEUSP), 2000.

DESGRANGES, Flávio. **A pedagogia do espectador.** São Paulo: Hucitec, 2003.

DESGRANGES, Flávio; SIMÕES, Giuliana. **O ato do espectador:** perspectivas artísticas e pedagógicas. São Paulo: Hucitec, 2017.

DEWEY, John. **Arte como Experiência.** São Paulo: Martins Fontes, 2010.

EDUCAÇÃO & REALIDADE. Porto Alegre, v.35, nº 2, maio/ago. 2010. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/issue/view/1081>. Acesso em: 10 abr. 2024. (Dossiê: Performance, performatividade e educação, p.23-156).

FÉRAL, Josette. Teatro Performativo e Pedagogia - Entrevista com Josette Féral. **Sala Preta**, São Paulo, Brasil, v. 9, p. 255–267, 2009. DOI:

10.11606/issn.2238-3867.v9i0p255-267. Disponível em:
<https://www.revistas.usp.br/salapreta/article/view/57410>. Acesso em: 08 abr. 2024.

HOFF, Mônica. “Mediação (da arte) e curadoria (educativa) na Bienal do Mercosul, ou a arte onde ela ‘aparentemente’ não está” em **Revista TRAMA Interdisciplinar** – Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2013, pp 69-87.

HONORATO, Cayo. “Mediação Extrainstitucional” em **Revista Museologia & Interdisciplinaridade** - UNB, 2014, pp 205-220.

KERLAN, Alain. A Experiência Estética, uma Nova Conquista Democrática. **Revista Brasileira de Estudos da Presença**, Porto Alegre, v. 5, n. 2, p. 266–286, 2022. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/presenca/article/view/54049>. Acesso em: 8 abr. 2024.

LAMBERT, Fátima. **Caminhadas estéticas, intervenções artísticas:** Fruição estética da cidade. Revista Sensos, Porto, v. V, n. 2, 2015. Disponível em: <http://sensos.ese.ipp.pt/revista/index.php/sensos/article/view/218>.

MORAES, Diogo de. “Mediações em zigue-zague – Ocorrências institucionais e extrainstitucionais nas interações com públicos” em **Revista Concinnitas** – UERJ, 2014, pp 1-28.

MÖRSCH, Carmen. **"Numa encruzilhada de quatro discursos: mediação e educação na documenta 12: entre afirmação, reprodução, desconstrução e transformação".** In: Periódico Permanente n. 6. Disponível em <<http://www.forumpermanente.org/revista/numero-6-1/conteudo/uma-encruzilhada-de-quatro-discursos-1-mediacao-e-educacao-na-documenta-12-entre-afirmacao-reproducao-desconstrucao-e-transformacao-2>>.

O'DOHERTY, Brian. **No interior do cubo branco**. São Paulo. Martins Fontes, 2002

PEREIRA, Marcelo de Andrade (org.) **Performance e Educação: [des]territorializações pedagógicas**. Santa Maria: Editora UFSM, 2013.

PUPO, Maria Lúcia de Souza Barros. Luzes sobre o Espectador: artistas e docentes em ação. **Revista Brasileira de Estudos da Presença**, Porto Alegre, v. 5, n. 2, p. 330–355, 2022. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/presenca/article/view/50327>. Acesso em: 8 abr. 2024.

PUPO, Maria Lúcia de Souza Barros; VELOSO, Verônica. **Pedagogia das artes cênicas: múltiplos olhares**. Volume 7 (Coleção PPGAC ECA USP 40 anos). Universidade de São Paulo. Escola de Comunicações e Artes, 2022. DOI: <https://doi.org/10.11606/9786588640739> Disponível em: www.livrosabertos.abcd.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/book/944 . Acesso em 10 abril. 2024.

RYNGAERT, Jean-Pierre. **O jogo dramático no meio escolar**. Coimbra: Centelha, 1981.

SALA PRETA. São Paulo, v.8, p. 9-70, nov 2008. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/salapreta/issue/view/4700>. Acesso em: 10 abr. 2024. (Dossiê Teatro e Recepção).

SANTOS, Vera Bertoni dos. **Brincadeira e Conhecimento**. Porto Alegre: Mediação, 2002.

SCHMITT, Eva. “**Mediação artística enquanto arte?** Arte enquanto mediação artística?” em Humboldt 104, 2011, pp 5-6.

SPOLIN, Viola. **Jogos Teatrais**: o fichário de Viola Spolin. São Paulo: Perspectiva, 2001.

VIGANÓ, Suzana Schmidt. **Quanta: a experiência estética e a primeira infância**. Mauritius: Novas Edições Acadêmicas, 2019.